

PÍNDARO: O VOO DA ÁGUIA

Melise Santiago Nascimento

Amós Coêlho da Silva

RESUMO:

Do momentâneo ‘*agón*’ à elevação religiosa do homem. Poesia como expressão de um ritual. Os rituais se transformando em instituições sociais. A relação religiosa de jogos atléticos com os deuses, conforme o imaginário poético de Píndaro. As conquistas gloriosas do homem em relação aos deuses.

Palavras-chave: conceito de ‘*agón*’; lirismo coral; Píndaro.

PINDARUS: THE FLIGHT OF THE EAGLE

ABSTRACT:

From the momentary ‘*agón*’ to the religious elevation of man. Poetry as an expression of a ritual. Rituals turning into social institutions. The religious relationship of athletic games with the gods, according to Pindar’s poetic imagery. Man’s glorious conquests over the gods.

Keywords: concept of ‘*agón*’; choral lyricism; Pindar.

Introdução

O termo grego ‘*agón*’ se prende a ἄγω, ‘*agō*’: *levar diante de si, tanger (referindo-se ao gado ou aos prisioneiros capturados na guerra - cf. Iliada 5, 484: ‘ágein kai phérein’, pilhar, passou, ao significado de dirigir-se para, reunir-se em assembléia, cf. podemos constatar na Iliada 7, 298. Portanto, o elemento ‘agón’ designa o resultado de reunir, ‘ágein’, e daí assembléia dos deuses. Pierre Chantraine ratifica que o sentido mais frequente em Homero é o de assembleia e, por extensão, combate. Este termo, tão presente nas instituições sociais da vida dos gregos, equivale aos esforços de outras nações do mundo, quando suas reuniões se transformam em características lúdicas e, a seguir, dão surgimento a instituições sociais. Também as sociedades primitivas valorizam tais reuniões. A forma vernácula *agonia, luta, exercício* entrou no português pelo latim eclesiástico, referindo-se aos momentos finais de Cristo (S. Lucas 22, 43).*

No capítulo *Lugar dos Gregos na Educação* (JAEGER, 1995, p. 3 em diante), ressalta-se a condição do Homem em contraste com os animais, os quais só se aproximam do ser humano tão somente nas suas funções biológicas de sobrevivência através da procriação. E é sob formas de brincadeiras que os animais aprendem recursos de sobrevivência. Para o Homem, jogos e

brincadeiras tornaram-se ricos e evoluíram para os grandes jogos públicos; transformaram-se de ritos sociais em instituições, emblemáticas da unidade de interação social do agrupamento humano.

Numa época como a nossa, em que impera a violência, pode parecer mero idealismo afirmar que a educação, a exemplo da *'paidéia'* dos helenos, é apanágio do Homem, e o inclui no seio da comunidade. A História fixou *'zôon politikón'* de Aristóteles, e Sêneca traduziu esta expressão em latim *in De Beneficiis*, 7, 1,7 e *De Clementia*, 1, 3, 2, com *socialis animal*, o homem é um animal social. O que fundamenta a moderna sociologia, desde as suas bases em Augusto Comte.

E ainda devemos ler um pouco mais em Werner Jaeger, neste mesmo capítulo, quando ele esgota e retorna a procurar um projeto do que seria a genuína *'paidéia'* grega. No empenho helênico não há individualismo, que se torna notável na época helenística. Portanto, no helenismo, o que é temos o humanismo, com o sentido do étimo latino, presente em Varrão e Cícero, *humanitas*, um indivíduo amoldado à norma comunitária: assim, *pólis*, para os gregos, seria um conjunto coletivo de interesses espirituais que congrega o indivíduo. Por isso, a *'paidéia'*, a formação do homem grego, é mais importante ainda para a formação do espírito do que para a aquisição das aptidões corporais no *'agón'*. (JAEGER, 1995, p. 18).

Do verbo *'ageiro'*, *reunir*, temos a cognata, pela prosódia latina, *'ágora'*, *praça*, todos os termos estão relacionados com *'ágo'* (equivalente ao verbo latino *ago*, *impelir*; que, por sua vez, como se já se viu, é matriz de *'agón'*, conforme ERNOUT ET MEILLET. A praça, nos dias atuais, ao contrário daquele tempo antigo, não é um lugar agradável para reuniões, porque se tornou uma *agorafobia*, como se registra em termos psicanalíticos; entre os antigos, não só era motivo de apreciação de monumentos, mas também de encontros de toda a sorte, como assembleias para votações, para atos religiosos e jurídicos... Dessa forma compreende-se por que Sólon escolheu a praça pública para apresentar suas elegias, cujo conteúdo é a legislação helênica. Jules Humbert e Henri Berguin definem o perfil poético de Sólon como de moral arcaica ou tradicional; assim sendo, um mensageiro de novos tempos. Ele contribuiu muito na construção da democracia grega.

É por isso que no mundo romano *forum*, do latim *praça*, se tornou sinônimo de sede de justiça.

A isso tudo, podemos acrescentar o adjetivo derivado de *'ágora'*, a expressão *'agoraíoi'*: *elemento preservador de aspectos religiosos*, é um epíteto dos deuses, *qui protégent les assemblées du peuple, mais aussi les marches* – que protegem as assembleias do povo, mas também os mercados.

(CHANTRAINE, 1999)

Enfim, 'agón' significa assembléia, reunião (para jogos, festas, atos religiosos, que incluía o elemento competição, passará mais tarde ao sentido de combate; daí, protagonista: *prot-*, primeiro; *agón-*, luta; sufixo *-ista*, aquele que entra em emulação contra os deuses.

Essas assembléias se desenvolveram em danças nas procissões mascaradas, com ocorrência sempre no final de estação de cada ano, momento propício ao cultivo, sementeira e colheita agrícola. Ela evoca os eventos das origens e a organização do mundo. As assembléias podiam ter também a forma de *kômos*, cantos alegres em honra de Dioniso, deus do vinho. Nestes evoluíram festas, atos religiosos. O lendário Téspis, certa vez, destacou um membro do coro, pelo latim *chorus*, e representou um poema em forma de diálogo coral; assim, criou o protagonista, o primeiro combatente, aquele que se volta contra os deuses e fixou o diálogo trágico.

O ator de teatro utilizará uma máscara (em latim, *persona* é a contaminação semântica do grego *prósopon* e *phersu* do etrusco, representando o deus da orgia, outrora cerimônia consagrada à deusa Deméter, para expressar a sua emoção alegre ou triste em traços e pinturas alegóricas. A máscara era um antigo elo entre forças sobrenaturais e o sacerdote. É um símbolo de identificação. O teatro grego dispunha de um grande repertório de máscaras tanto na tragédia quanto na comédia.

As Competições Atléticas

Os concursos atléticos são muito antigos na Grécia. O seu apogeu se dá no século VI a.C. (nota) com a instituição dos jogos pan-helênicos. Dado o interesse de toda a aristocracia afluindo aos centros religiosos, onde se desdobravam competições, os vencedores eram celebrados pelos poetas.

Olímpia era um dos grandes centros religiosos da Grécia e lá os Jogos Olímpicos foram instituídos, quadrienalmente, pelo lendário Pélops, mas como houvesse caído em esquecimento, Hércules os revitalizou *in memoriam* de seu fundador. Quando se solidificou a realização quadrienal, obteve tal grau de consideração, que, em caso de guerra, obteve "uma trégua sagrada", o que propiciava um salvo-conduto a viajantes a caminho de Olímpia. Era, pois, o local propício para os poetas e oradores se tomarem célebres.

A mais antiga competição era a corrida com a distância de cerca 192

metros, a exata dimensão do comprimento de Olímpia. Havia a modalidade *hoplita* (atleta armado, que corre de capacete, escudo e grevas); *pentatlo*, cinco provas atléticas, combinadas numa só série: 1) salto, os que atingiam a distância prevista, passavam para a segunda; 2) lançamento de dardo - os quatro melhores passavam para a terceira; 3) corrida com a distância de cerca 192 metros; 4) só comportava os três melhores atletas da competição anterior, a modalidade três, para realizar, nesta modalidade quatro, o lançamento de disco; 5) os dois melhores, finalmente, lutavam a *pale* (= luta): vencia quem derrubava no chão o adversário, por três vezes. A estas acresceram ao longo do tempo corridas hípicas, o pancrácio (= força total): fusão da luta e pugilato, o vencedor obrigava o oponente a confessar-se vencido.

Os concorrentes exerciam cidadania, isto é, eram homens livres e as mulheres não participavam. O primeiro dia era o da instalação da tocha olímpica, do juramento diante da estátua de Zeus *Horkios* (guardião dos juramentos: lealdade às regras, por exemplo); no segundo dia, uma corrida com a distância de cerca 192 metros; no terceiro, o pentatlo; o quarto, luta, pugilato e pancrácio; quinto, corrida dos hoplitas; sexto, corrida de cavalos e carros. Exceto a competição de carros, os atletas competiam nus. O vencedor de cada disputa ganhava uma palma; os campeões recebiam um ramo de oliveira, de valor religioso, já que se acreditava que esta árvore fora plantada por Hércules no recinto sagrado de Zeus.

Havia, além de Olímpia, outros festivais: o Pítico – em Delfos, cidade nas faldas do monte Parnaso. O Ístmico – em Corinto. A Panateneia – em Atenas. Nemeu – em Nemeia, região da Argólida. Eis uma síntese:

Jogos de competição

Duração de 4 dias:

- 1 – Ístmicos – em honra de Posídon.
- 2 – Nemeus – dedicados a Zeus, 2 anos após os Ístmicos.
- 3 – Píticos – no monte Parnaso, em honra de Apolo.

Duração de 7 dias:

- 1 – Olimpíadas – cidade de Olímpia. Iniciou em 776 a.C. Honra a Zeus.
- 2 – Grandes Panateneias – honra a Atená. Aqui se acrescentaram competição hípica, concurso musical e de rapsodos.

Também recebiam objetos de valor e dinheiro. A História registra um lapso entre 394 d. C. e 1896, ou seja, um milênio e meio entre a Olimpíada

helênica antiga e atual. a qual só renasceu pelo idealismo do Barão Pierre de Coubertin, em nome da confraternização entre os povos: ainda bem que existem os visionários, tocha olímpica sempre acesa!

A Ode, principalmente a de Píndaro e a de Baquilídes, tinha o destino de celebrar as grandes vitórias e, neste caso, denomina-se epinício, quer dizer, hino triunfal das Olimpíadas. Píndaro (522 ou 518 - 446 a.C.) e Baquilídes (ap. 505-450 a.C.) são os grandes vates olímpicos, mas não os únicos. Dentre outras celebrações em honra aos deuses, as olimpíadas se constituíam como tal e simbolizavam aquilo que Juvenal, na *Sátira X*, 356, cristalizou não como um mero clichê, mas como algo que, nós, pós-modernos, temos muita dificuldade em experimentar atualmente, mas que nenhum professor de Latim precisa traduzir, porque a expressão, sem se banalizar, se tornou símbolo de um dos poucos momentos felizes de cunho existencial: *mens sana in corpore sano*.

Vamos a alguns fragmentos de odes pindáricas:

Olímpica (Píndaro, tradução Da Profa. Guida)

*Queres cantar os Jogos Atléticos, minh'alma?
Não busques nenhum astro mais brilhante do que o Sol,
reluzente, todo o dia, no deserto firmamento;
nem penses celebrar mais gloriosa competição que a de Olímpia.
É daí que parte o hino polifônico,
que inspira o gênio dos poetas,
para cantar o filho de Crono?
no bem-aventurado lar de Hierão...*

No epodo, ou seja, na última parte da ode pindárica, conclui:

*Indo à poderosa colina de Crono,
nela encontrarei os meios de louvar a vitória;
pois, para mim, a Musa acumula, com vigor,
seus dardos poderosíssimos.*

*E eu, por estar associado aos triunfadores,
projetarei, por toda parte,
entre os gregos,
a fama de minha arte.*

Pítica III:(tradução Junito Brandão)

*Somente a divindade outorga sucessos:
Ora eleva este ao céu, ora sua mão rebaixa aquele.
Saibas encontrar o teu caminho, observando a moderação.*

Olímpica XIII: (tradução de Junito Brandão)

*Não se deve pedir aos deuses senão o que convém
a corações mortais. É mister ter olhar fixo
nos próprios pés, para nunca esquecer sua condição.
Não aspire, minha alma, a uma vida imortal;
Pelo contrário, exaure o campo do possível.
Todas as coisas têm uma medida.*

(Tradução de Junito Brandão, Ode Pítica VIII)

*Seres efêmeros! Que é cada uma de nós?
O que não é cada um de nós?
O homem é o sonho' de uma sombra!
Mas, quando os deuses pousam
Sobre ele um raio de sua luz,
Então vivo fulgor o envolve
E adoça-lhe a existência!*

Quinto Horácio Flaco (1 a. C.) expressou qual é o lugar de Píndaro na literatura de todos os tempos. Escreveu estes versos abaixo *in Odes IV,2 1-8*:

*Pindarum quisquis studet aemulari,
Iulle, ceratis ope Daedalea
nititur pennis, vítreo daturus
nomina ponto.
Monte decurrens uelut amnis, imbres
quem super notas aluere ripas,
fervet immensusque ruit profundo
Pindarus ore.*

Que traduzimos assim:

*Aquele que se empenha em emular com Píndaro,
ó Iulo, apoia-se em penas unidas*

*com a cera de Dédalo, há de dar
o seu nome ao. espelho do mar.
Rio solto da serra, a quem as chufizeram
transbordar do leito habitual,
tal ferve e de profunda boca
rui Píndaro imenso!*

Píndaro nos legou um herói de dimensão coletiva. Este herói, no entanto, não está leve, flutuando na glória de suas conquistas vitoriosas, mas dimensionado pela luz dos deuses olímpicos, sem os quais é apenas o sonho de uma sombra, como na Ode *Pítica*, *O homem é o sonho de uma sombra!*

Horácio traduziu esse pensamento com a expressão *Pulvis et umbra sumus, Somos pó e sombra!* (*Odes* IV, 7, 16). É esse o legado que Aristófanes (445 a 388 a.C.) contemplou no dramaturgo Ésquilo (525 a 456 a.C.).

Para uma compressão do pensamento aristofânico, que, principalmente em sua comédia *As Rãs*, critica os trágicos clássicos, mais contemporâneos de Ésquilo, por minizarem a interferência dos deuses, dando total razão ao mais religioso dos trágicos: Ésquilo. (BRANDÃO: 1984, 57) Quanto ao poeta de Tebas, Píndaro, não oculta o conhecimento de si mesmo: *a musa alimenta em mim talento poderoso.* (MAGNE: 1946, 72)

Considerações finais

Prestemos, nestas considerações finais, duas homenagens, citando as suas palavras em seus escritos inesquecíveis: a Profa. Guida e Prof. Junito Brandão. Primeiramente, citemos a Profa. Guida, *in Luz da Hélade* (ver bibliografia):

“Um estudo mais aprofundado da poesia coral, especialmente do epínicio pindárico, faz ressaltar o *caráter naturalista* das mais antigas formas de poesia helênica, caráter tão marcante nas próprias divindades suas patrocinadoras, quanto nos poemas que elas inspiram, levando-nos a supor que um dos objetivos primordiais de tal poesia tenha sido, justamente, o de exaltar as forças da vida, no mundo físico natural.

O relacionamento dos cantos poéticos com a vida livre da natureza já vem nitidamente acentuado desde o poeta Hesíodo, no VIII século a.C., o qual se confessa humilde discípulo das Musas do Hélicon. E, em numerosas passagens de seus poemas didáticos, transmite ensinamentos práticos para a

vida útil dos campos, ou deixa refletida sua experiência vivida a céu aberto, integrado na natureza, que ele evoca em passagens de enlevada contemplação, corno poeta-pastor das montanhas da Beócia, em sua obra “Os Trabalhos e os Dias”: “Quando Zeus, depois de ter feito girar o sol, completou 60 dias de inverno”, diz ele, “a constelação de Arcturus abandona o curso sagrado do Oceano e sobe, radiosa, do meio das trevas. Então a filha de Pândion, a andorinha de agudo lamento, atira-se ao encontro da luz: é a primavera, de novo, que nasce para os homens...” (p. 29-30)

Junito Brandão, em um de seus cursos ministrados aos sábados, na zona sul ou na zona norte, com auditórios lotados, em uma de suas apostilas, no meio do estudo sobre o poeta Píndaro, leu suas anotações:

“E, uma vez que Píndaro escolheu para pedestal de sua poesia a verdade, que é eterna, sua arte não podia e não pode sucumbir com o tempo.

Há de ser, como a respeito de sua própria história escreveu o grande Tucídides, um ‘ktêma eis aei’¹, uma aquisição para sempre.

Compete a nós, que amamos a Grécia, vocês e eu, não permitir que se extinga a fálscia que Prometeu trouxe do céu.

‘A humanidade teve um sonho: o helenismo; e um êxtase: o Cristianismo.’

Se os Gregos não tiveram os deuses que mereciam, porque, carentes da revelação a dominados pelo fatalismo das causas cegas, acabaram esmagados e dominados pelo peso de chumbo dos braços da Moíra, nós temos, no Gólgota, dois braços abertos prontos para um abraço de eternidade.” (p. 35, Apostila de aula.)

Bibliografia:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 vols.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. 2 vols.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. Apostila, intitulada *O Lirismo : de Sólon a Cartola*. 1981.

1 Tucídides 1, 22,4, conforme Renzo Tosi: no verbete 182, κτήμα εἰς αἰεί.

- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de símbolos*. Trad. Vera Silva et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. : Histoire des Mots*. Paris : Klincksieck, 1985.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latim Français*. Paris: Hachette, 1934.
- HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *A Luz da Hélade: Ensaio Literários*. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, 1980.
- HUIZINGA, Johan. “*Homo ludens*”: o jogo como elemento da cultura. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- HUMERBT, Jules et BERGUIN, Henri. *Histoire Illustré de la Littérature Grecque*. Paris: Didier, 1947.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JUNG, C. G. e KERÉNYI, Ch. *Introduction à l'essence de la mythologie: l'enfant divin, la jeune fille divine*. Paris: Payot, 1796.
- KERÉNYI, Carl. *Dioniso: Imagem arquetípica da vida indestrutível*. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.
- MAGNE, Augusto. *Literatura Grega*. São Paulo: Anchieta, 1946.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Primeira e única edição.
- OEUVRES D’HORACE. Par F. Plessis et P. Lejay. Paris: Hachette, 1966.
- PEREIRA, Isidro (S.J.). *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.
- RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SPALDING, T.O. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. S. Paulo: Cultrix, 1958.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. Trad. Ivone C. Benedetti. S.Paulo: Martins Fontes, 1996.